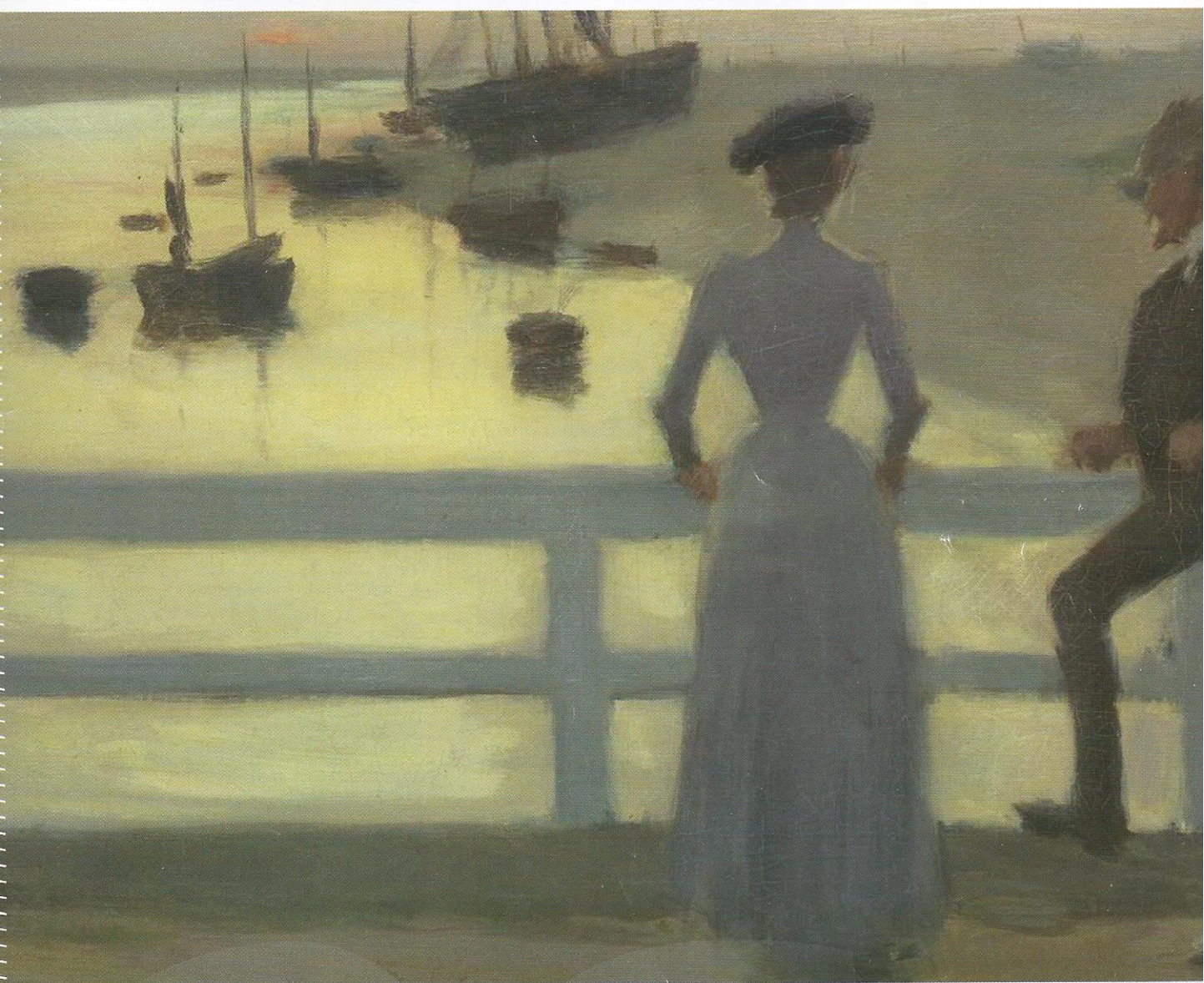


Travessias

Edição #1 - Setembro de 2013

Ponta Delgada - São Miguel - Açores - Distribuição gratuita





Editorial

De Travessias se faz o nosso tempo
Ana Cristina Gil



Opinião

A interculturalidade no século XXI
Dr. Paulo Teves



Opinião

Casi Iguales, tan diferentes
Blanca Martín-Calero Medrano



Ensaio

Para além dos estereótipos
Ana Cristina Gil



Entrevista

Jun Okada - "Encontrar interesses comuns, partilhar hobbies, a música e o desporto removem barreiras e geram o respeito dos outros"
Ana Teresa Alves



Ensaio

A identidade na era pós-nacional: o caso de No fio da vida, de Francisco Cota Fagundes
Leonor Sampaio da Silva



Reportagem

II edição do Panazorean regressa a Ponta Delgada superando todas as expectativas
Dianne Costa



Ficção

Mara
André de Medeiros Palmeiro



Ensaio

A tradução enquanto fenómeno intercultural
Dominique Faria



Perfil

Ernani Rosendo
Vitor Prata



Ensaio

Emigrantes e imigrantes nas canções da música popular urbana
Carlos Ventura



Poema

Partida
Helena Mar



Poema

Emigrações da alma
Ana Isabel Rosa



Ensaio

Os provérbios também emigram
Gabriela Funk e Matthias Funk



Entrevista

Paulo Mendes - "Apesar da complexidade do tema da imigração, ninguém que nos procura fica sem resposta"
Dianne Costa



Ensaio

Na fronteira entre o herói e o vilão
Carmo Rodeia



Ficção

Deste oceano ela fez casa
Mariana Botelho



Opinião

Uma estudante romena nos Açores
Iulia Manda



Entrevista

Reinaldo Salomão - De Cabo Verde para os Açores
Iulia Manda



Perfil

Maninho - O rosto de "O Mundo Aqui"
Lisandra Faria



Ensaio

Ir numa viagem sem retorno
Natacha Sousa



Ensaio

Portugal como berço de culturas
Isabel Pita e Almeida



Sugestões de Leitura

Regressar a Casa/The Road Home (Rose Tremain), A Herança do Vazio/The Inheritance of Loss (Kiran Desai), O Japão é um Lugar Estranho/Wrong about Japan (Peter Carey), O Bom Nome/The Namesake (Jhumpa Lahiri)
Ana Teresa Alves

Ficha Técnica

Edição: AIPA - Associação dos Imigrantes nos Açores e CLAII de Ponta Delgada **Ano:** 2013 **Coordenação:** Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores **Equipa Editorial:** Ana Cristina Gil, Ana Teresa Alves, Dominique Faria, Leonor Sampaio da Silva, Madalena Teixeira da Silva **Colaboradores:** Ana Cristina Gil, Ana Isabel Rosa, Ana Teresa Alves, André de Medeiros Palmeiro, Blanca Martín-Calero Medrano, Carlos Ventura, Carmo Rodeia, Dianne Costa, Dominique Faria, Gabriela Funk, Helena Mar, Isabel Pita e Almeida, Iulia Manda, Leonor Sampaio da Silva, Lisandra Faria, Matthias Funk, Mariana Botelho, Natacha Sousa e Vitor Prata. **Design Gráfico/Paginação:** Luís Filipe Craveiro (Craveirodesign.com) **Fotografia:** direitos reservados **Capa:** "Bridges", de Philip Wilson Steer, 1887-8, 495x665x20mm **Impressão:** Coingra, Lda. **Tiragem:** 1500 exemplares - Distribuição gratuita.

Promotores:



Financiadores:



Os provérbios também emigram

A herança cultural faz inegavelmente parte do património intelectual e emocional do emigrante. No entanto, importa analisar como este fundamento se transforma no contacto com a realidade do novo ambiente. Para esse fim, comparámos alguns dados recolhidos sobre o conhecimento e a aceitação de provérbios nos Açores e no contexto de imigração açoriana nos Estados Unidos da América. Na interpretação dos dados, deve ter-se em conta que os emigrantes açorianos da comunidade da costa atlântica dos EUA provêm predominantemente da ilha de S. Miguel, enquanto os da comunidade da costa do Pacífico são oriundos maioritariamente do grupo central do Arquipélago.

Do *corpus* analisado, salientaremos, em primeiro lugar, o provérbio açoriano “Quem nasceu para pobre não chega a rico”, o qual, com uma taxa de conhecimento de 65%, contradiz, de certo modo, o sonho americano. Esta observação poderá explicar a razão por que, na costa leste, o referido provérbio atinge ainda uma taxa de conhecimento de 35%, mas estranhamente 0% no centro do Eldorado americano, a Califórnia.

Curiosamente, o ditado “As moscas mais se apanham com mel do que com fel” (mais dominante em S. Miguel do que no grupo central) prevalece na Califórnia e não na costa leste. Prender-se-á essa evidência com a circunstância de tais insetos surgirem com maior frequência num clima quente? Será realmente coincidência o facto de, na economicamente mais dinâmica Califórnia, o conceito “Enquanto o ferro está quente é que se malha” predominar, enquanto, na costa leste, se prefere “A pobreza não é vergonha”?

Na geração jovem, com uma integração quase completa na sociedade americana, verifica-se que a aquisição dos provérbios portugueses se realiza praticamente através dos pais e avós. A utilização dos mesmos tem lugar no

círculo familiar e de amigos, demonstrando, assim, os laços afetivos e emocionais que envolvem o seu uso. É de notar que o provérbio está muito ligado a recordações, a situações e estruturas específicas, relacionadas com vivências familiares.

Aparentemente, o desuso de provérbios entre os jovens que ainda dominam o Português relaciona-se menos com aspetos linguísticos do que com tendências sociais e a realidade do dia a dia nos EUA. Observámos, por exemplo, que os adágios que se prendem com aspectos de pobreza e necessidade são marginalizados. Provavelmente, prevalece, neste contexto, o sonho americano, segundo o qual cada um pode superar a sua pobreza através do trabalho honesto. Também a importância de uma boa vizinhança não se sente do mesmo modo no ambiente citadino e no meio rural, donde provém a maioria dos emigrantes. Daí se explicar facilmente que 100% dos emigrantes com mais de cinquenta anos conheçam o provérbio “Antes um mau ano do que um mau vizinho” e só 27% dos seus descendentes o tenham conseguido identificar. Igualmente o conceito de “vergonha” está muito mais enraizado na geração sénior do que nos jovens, como revela a percentagem de 80 versus 37, respetivamente, no que se refere ao provérbio “Antes morte que vergonha”. A aceitação e o uso do mesmo revelam ainda números mais baixos, indicando estarmos perante um conceito ultrapassado.

A correlação entre pensamento, língua e contexto situacional é naturalmente forte. Porém, devemos ter algum cuidado no que diz respeito à interpretação que os conhecedores de um provérbio lhe atribuem. A propósito, encontramos algumas respostas curiosas, como se pode ver no exemplo do provérbio “A desgraça de uns faz a felicidade de outros”, conhecido, na ordem dos 50%, entre os jovens americanos de



Matthias Funk

Docente do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores



Gabriela Funk

Docente do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores

origem açoriana. 41% utilizam-no, pelo menos, de vez em quando, avaliando-o, com algumas restrições, como certo. Só 4% o usam frequentemente, aceitando-o sem reservas. Entre os não conhecedores, o provérbio tem uma aceitação de 8%.

É surpreendente o facto de o mesmo ter sido tão claramente refutado numa sociedade competitiva como a norte-americana, apesar de a maioria (59%) das interpretações dadas apontar para a aceção canónica, isto é, “numa situação de concorrência, quando um ganha, o outro perde.” Aparentemente, a explicação reside na interpretação minoritária (41%), segundo a qual algumas pessoas sentem prazer com a infelicidade dos outros (talvez por inveja).

Ao compararmos o tesouro imaterial de uma comunidade de emigrantes com o património cultural da sua localidade de origem, podemos observar os efeitos da interculturalidade no ambiente do país da imigração. Desta forma, não só o emigrante transpõe a fronteira de um novo mundo, mas também as suas tradições, que aí se transformam.